



## UM DUELO COM A SOMBRA

O segundo romance de Eduardo Mahon **O fantástico encontro de Paul Zimmermann**<sup>1</sup>, lançado em 2016, adentra a extensa tradição literária que comporta a presença do duplo. No romance,

[1] MAHON, Eduardo. *O fantástico Encontro de Paul Zimmermann*. Cuiabá MT: Carlini e Caniato, 2016.

o rico financista Paul Zimmermann após ter a mansão assaltada, opta por instalar câmeras de segurança como medida protetiva, é por meio de uma delas que o milionário se torna ciente da existência do usurpador, um outro de si que circula livremente pela casa usufruindo das benesses por ele duramente conquistadas. Obcecado por essa presença alheia,

Zimmermann se isola no escritório onde foram instalados os monitores e passa a acompanhar diuturnamente os movimentos do duplo. Na tentativa de minuar a vida paralela, investe numerosos esforços, porém todos se mostram inúteis, quanto mais fragilizado fica o original, maior autonomia adquire a cópia. Num estado de debilidade extrema, Zimmermann intenta numa última batalha: matar o oponente; no entanto, esgotado das forças vitais acaba morto pelas mãos do intruso que assumirá efetivamente a vida do rico financista.

Segundo Brunel (2000),<sup>2</sup> em literatura, o duplo é a via pela qual se materializa uma procura da pessoa por si mesma e isso gera uma “agonia fisiológica”, porque esse indivíduo ao ver-se duplicado,<sup>3</sup> embrenha-se na construção de teorias e processos, colocando em julgamento seu próprio agir, sua ética e moral. Essa busca que, entre outros efeitos, parece validar no romance a aparição do duplo, correlaciona-se na narrativa de Mahon, à conformação da personagem Paul Zimmermann. Filho único do casal Joseph e Helga Zimmermann, Paul teve acesso a boa educação, embora a família não fosse propriamente rica, o pai, contador, acercava-se de que o garoto tivesse as mesmas oportunidades que os filhos de outras famílias melhor sucedidas financeiramente. Sob influência de Joseph, Paul desenvolveu habilidade com a ciência matemática, tornando-se competente em lidar com números. A mãe, uma mulher omissa frente ao rigor com que o pai condicionava a rotina do filho, contenta-

va-se com posto de educadora ensinando o garoto as boas regras de etiqueta de modo a fundamentar um indivíduo exemplar para o convívio social. Porém, nenhuma dessas distintas habilidades foram eficazes para evitar que o rapaz fosse ignorado por companheiros de escola e até sofresse enxovalhos dos colegas mais ricos que riam dele por não esbanjar com futilidades.

Os valores e regras familiares absorvidos no processo de formação entre a infância a adolescência, a convivência quase restrita com pessoas idosas e a indiferença dos colegas contribuem para que Paul torne-se um indivíduo pouco sociável. No entanto, é a rotina de estudos imposta pelo pai a viabilizar que, aos quinze anos, ele ingresse na faculdade de economia, numa linha ascendente de sucesso. Na casa dos trinta anos, Paul se torna dono do próprio banco; aos quarenta, com os pais já falecidos, constrói a mansão; aos cinquenta, com a vida estabilizada, configura um solteirão rico e recluso. É quando ocorre o assalto. O evento torna-se na verdade pretexto para narrar e uma aposta estratégia no jogo das significações. Num contexto trivial sabe-se que aquele que é assaltado não deixa de ser usurpado de algum bem, mesmo quando o assalto não repercute grande prejuízo financeiro ou à vida. No caso de Zimmermann, o episódio resulta em leve prejuízo de algumas joias e pouco dinheiro, tanto que o banqueiro demonstra bastante tranquilidade em lidar com o fato, recusando-se inclusive a prosseguir com o inquérito investigativo.

No entanto, o evento parece acionar lembranças potencializadoras do conflito experimentado por Paul, tais reminiscências estruturam o primeiro passo em direção a projeção do mundo íntimo da

personagem. O escritório que no decorrer da narrativa instrumentaliza-se como um lugar de clausura, transforma-se, a nosso ver, num espaço em que se projeta uma vida que foi renunciada. A dualidade ganhará contornos nas contradições fundamentadas na experiência de vida e vão subsidiar a avaliação realizada por Paul ao se dar conta da vida minguada de afetos, cujo resultado é a incomensurável solidão em que se encontra. Corroborando, portanto, com o que acentua Brunel (2000) sobre o surgimento do duplo compreendido como busca por resposta acerca de si mesmo.

Nesse sentido, a cópia, que conformará justamente a jovialidade, a alegria, e a leveza de uma vida que foi descartada pelo banqueiro, comportará, a nosso ver, uma potência alegórica cuja prerrogativa parece ser norteadora do dilaceramento que o homem experimenta frente as dissenções provocadas pelas mudanças que se deram no intercurso da modernidade, e que foram fundantes para a queda dos valores que provocaram cisões permanentes entre o homem e o mundo, entre indivíduo e comunidade, consolidando numa crise de identidade e subseqüentemente na luta pela manutenção da singularidade. Vale acentuar o proposto por Bauman (2003)<sup>4</sup>, segundo o qual essa busca empreende uma batalha, o indivíduo que nela combate está inevitavelmente fadado a sofrer a segregação própria do mundo moderno que já não aceita mais identidades fixas.

Assim, a morte cuja função é efetivar a anulação de um em detrimento de outro, não deixa de assumir no romance uma condição metafórica. A morte de Paul Zimmermann e a prevalência da cópia oportunizam pensar nos dilemas que o homem moderno experimenta. Como atesta Bauman, no mundo moderno o isolamento absoluto é impossível. O romance parece evidenciar justamente isso, aquele que não está preparado para ca-

minhar em direção ao outro acaba sucumbindo sozinho, sufocado na própria solidão com seus fantasmas. A partir do que está posto, afirmamos que a singularidade e alteridade só podem ser conformadas a partir da experiência coletiva. É no confronto com o outro que o homem pode melhor aprender sobre si mesmo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Sygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2003.

BRAVO, Nicole. Duplo In: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Tradução de Carlos Sússekind. Et al. São Paulo: J. Olympio, 2000.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **O duplo**. Tradução do russo de Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

MAHON, Eduardo. **O fantástico Encontro de Paul Zimmermann**. Cuiabá MT: Carlini e Caniato, 2016.

[2] BRAVO, Nicole. Duplo In: BRUNEL, Pierre. Dicionário de mitos literários. Tradução de Carlos Sússekind. Et al. São Paulo: J. Olympio, 2000.

[3] DOSTOIÉVSKI, Fiodor. O duplo. Tradução do russo de Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

[4] BAUMAN, Sygmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Zahar, 2003.



**Eliane Cristina Chieregatto**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, mestra em Estudos Literários, professora da rede pública de ensino e membro do Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino da Universidade do Estado de Mato Grosso.

[eliane.chieregatto@unemat.br](mailto:eliane.chieregatto@unemat.br)

